

**Jovem
Senador**

**Saúde
Mental
nas ESCOLAS
PÚBLICAS**

Guia da Redação

Autor: Ronaldo Teixeira Martins
Consultor Legislativo do Senado Federal



SENADO
FEDERAL





Mesa Diretora do Senado Federal **Biênio 2023-2024**

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo
1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha
2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho
1º SECRETÁRIO

Senador Weverton
2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
4º SECRETÁRIO

Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL

Gustavo A. Sabóia Vieira
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Érica Ceolin
SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ana Lucia C. R. Novelli
SECRETARIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Calendário do Programa Jovem Senador 2023

Etapas escolares

Início das inscrições - 8/2/2023

Final das inscrições - 5/5/2023

Seleção da etapa estadual

31/5/2023

Seleção da etapa Senado

12/6/2023

Anúncio dos vencedores

até 15/06/2023

Semana de Vivência Legislativa

21/8 a 25/8/2023

Índice

1. Tema	7
2. A tipologia dissertativa-argumentativa	8
2.1 A tese	9
2.2 O leitor	9
2.3 A argumentação	10
3. O repertório	11
ANEXO 1	14
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DAS REDAÇÕES	
CRITÉRIOS DE DESCLASSIFICAÇÃO DAS REDAÇÕES	

Autor: Ronaldo Teixeira Martins

Consultor Legislativo do Senado Federal

O objetivo deste texto é fornecer dicas para o desenvolvimento das redações para o programa Jovem Senador 2023. O texto está voltado para os estudantes de ensino médio e tem apenas a intenção de esclarecer dúvidas e prover exemplos, sem restringir possíveis desenvolvimentos do tema.

1. Tema

O tema desta edição do Jovem Senador é “Saúde mental nas escolas públicas”. Para que possa desenvolver adequadamente esse tema, é fundamental que, antes mesmo de começar a escrever, você se proponha a realizar três movimentos: pesquisar, refletir e delimitar.

Em primeiro lugar, pesquise: O que significa a expressão “saúde mental”? O que caracteriza uma pessoa mentalmente saudável? Que fatores podem contribuir para melhorar ou prejudicar a saúde mental de alguém?

Para que possa responder adequadamente a essas perguntas, consulte o maior número possível de referências: livros, artigos, sites, profissionais da área de saúde. Só assim você conseguirá evitar respostas excessivamente espontâneas, muito contaminadas por preconceitos, simplificações e pelo senso comum.

O termo “saúde mental” é muitas vezes entendido como ausência de transtornos mentais. A lista de transtornos mentais é longa e está disponível no Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM-5), editado pela Associação Psiquiátrica Americana. Ela inclui mais de 300 itens, agrupados em 18 categorias: transtornos de neurodesenvolvimento (déficit de atenção, hiperatividade, espectro autista), esquizofrenia, transtorno bipolar, depressão, ansiedade (fobias, pânico), transtornos obsessivo-compulsivos, transtornos pós-traumáticos, transtornos alimentares (bulimia, anorexia), transtornos do sono (insônia, hipersonolência), disfunções sexuais, disforias de gênero, dependência química, transtornos de personalidade (paranoide, antissocial, dependente), entre outros. Em geral, essas condições são consideradas patológicas porque estão associadas a sofrimento psíquico.

No entanto, para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o termo “saúde” não significa apenas ausência de doenças; significa, também, bem-estar físico, psicológico, social; significa equilíbrio, harmonia, qualidade de vida. Nessa linha, “saúde mental” não é apenas a ausência de transtornos mentais; é, sobretudo, sentir-se bem consigo mesmo, saber lidar com as emoções, reconhecer as próprias limitações, relacionar-se bem com os outros. O conceito de saúde mental vai, portanto, muito além das psicopatologias.

Veja também que o tema não trata da saúde mental de maneira geral. Há um recorte claro: espera-se que você desenvolva um texto sobre a saúde mental nas escolas públicas. Essa delimitação é importante: você precisa, necessariamente, discutir a saúde mental no ambiente escolar público, ou sua redação fugirá ao tema proposto.

Há aqui inúmeros itinerários possíveis:

- você pode falar, por exemplo, de como a escola afeta a saúde mental dos alunos, ou seja, da escola pública como causa (ou solução) para determinados transtornos mentais ou comportamentais;
- você pode falar de como a saúde mental dos alunos afeta o rendimento escolar;
- você pode falar de como a saúde mental é tratada em sala de aula ou pelo currículo escolar da rede pública;
- você pode falar sobre a saúde mental dos profissionais da educação nas escolas públicas (professores, coordenadores, diretores e demais funcionários da escola);

- você pode falar sobre o papel da escola pública na prevenção, no diagnóstico e no tratamento dos transtornos mentais;
- você pode falar sobre as formas pelas quais a escola pública poderia promover a saúde mental da comunidade escolar;
- etc.

Enfim, são várias as possibilidades de desenvolvimento. O importante é que você escolha um caminho que associe o tema da saúde mental ao contexto escolar público, e que esse caminho seja um caminho balizado, subsidiado por dados e evidências, enriquecido pela contribuição dos especialistas que já se debruçaram sobre o tema e que o vêm explorando há muitos anos.

Feita a pesquisa, é hora da reflexão: se seu texto simplesmente repetir o que todo mundo já sabe; se seu texto apenas reproduzir o senso comum; se seu texto fizer uso exclusivo de experiências pessoais, achismos e subjetivismos; se seu texto, enfim, não incorporar, de alguma forma, um olhar diferente e inovador, suas chances de se destacar num concurso em que participam milhares de alunos serão pequenas.

Por isso, é importante refletir sobre tudo aquilo que você pesquisou sobre o tema. Não transforme sua redação num resumo dos textos que você leu. Procure ir além. Procure acrescentar algo novo. Esta, na verdade, é a parte mais difícil do processo, porque essas respostas não estão prontas e vão depender do seu olhar sobre os dados. A reflexão é o movimento mais autoral e, por consequência, a parte mais importante do desenvolvimento do tema. É aqui que vai se revelar a sua capacidade de análise.

Depois da pesquisa e da reflexão, pode ser que você encontre muitas questões a serem discutidas. Você pode querer discutir, por exemplo, a relação do bullying escolar com o aparecimento do transtorno de personalidade antissocial; ou pode querer discutir a relação da autoestima com o rendimento escolar; ou pode querer discutir os impactos do regime de ensino a distância imposto durante a pandemia de covid-19 sobre a saúde mental das crianças em processo de alfabetização nas escolas públicas. Todas estas são questões que pertencem ao escopo do tema proposto. Todas elas estão relacionadas à saúde mental nas escolas.

Mas cuidado: seu texto é relativamente curto, e você não terá espaço suficiente para explorar, em profundidade, mais de uma questão. O fato de o tema ser “a saúde mental nas escolas públicas” não significa que, em seu texto, você deve abordar todos os elementos e todos os ângulos do problema. Você pode escolher, dentro do tema, um aspecto mais saliente em torno do qual girará sua redação. Em resumo: é importante que você delimite o tema. Não procure dar conta de tudo no mesmo texto. Vale mais a pena construir o seu texto em torno de uma questão específica, analisada em todas as suas implicações, do que ficar listando superficialmente tudo o que se pode falar a respeito da saúde mental nas escolas públicas. Seu texto ganhará densidade e terá mais chances de trazer uma argumentação mais sólida se gravitar em torno de um núcleo bem definido.

2. A tipologia dissertativa-argumentativa

Não se esqueça de que o seu texto, além de se adequar ao tema, deve também se ajustar à forma proposta pelas regras do concurso: o texto deve observar a tipologia dissertativa-argumentativa, ter de 20 a 30 linhas manuscritas e empregar a modalidade culta da língua portuguesa.

O texto dissertativo-argumentativo é aquele em que você procura convencer alguém de alguma coisa. Há aqui três elementos muito importantes: a tese, o leitor e a argumentação.

2.1 A tese

Quem convence, convence alguém de “alguma coisa”, certo?

Todo convencimento tem um objeto. Você quer convencer seu leitor de “algo”. O primeiro passo, portanto, é ter clareza sobre esse algo, sobre essa ideia com a qual você quer que o leitor concorde. Para onde você quer levar o seu leitor? O que você quer que ele faça? Em que você quer que ele acredite? Essa será a sua “tese”.

Lembre-se de que a tese é um enunciado declarativo: uma afirmação ou uma negação. Ou seja, a tese contém, necessariamente, um verbo. Normalmente, o tema é apenas o sujeito da tese; para que haja uma tese completa é preciso que haja, além do tema, também um predicado, algo que se afirma (ou se nega) sobre o tema.

Um exemplo: “saúde mental” não é uma tese, mas um tema. Ninguém concorda ou discorda de “saúde mental”. As concordâncias e discordâncias começam quando se afirma alguma coisa sobre a saúde mental. Considere, por exemplo, a afirmação “o ambiente escolar prejudica a saúde mental dos alunos”. Há quem concorde, há quem discorde dessa proposição. Aí, sim, a argumentação se torna importante. Assim, “o ambiente escolar prejudica a saúde mental dos alunos” é uma tese, uma tese que se constitui a partir do tema “saúde mental nas escolas públicas”. Para desenvolver um tema, você precisa, portanto, afirmar alguma coisa sobre ele. E seu objetivo será convencer seu leitor de que essa sua afirmação faz sentido e de que é verdadeira.

Seu texto será tanto mais eficaz quanto mais clareza você tiver sobre qual é a tese que você está defendendo. Ela não precisa estar explícita no seu texto, mas ela será o fio condutor de toda sua argumentação: ela descreve o lugar para onde você quer levar o leitor.

2.2 O leitor

Quem convence, convence “alguém” de alguma coisa.

Um segundo aspecto importantíssimo do seu texto é para quem você escreve. Perceba, por favor, que você não está escrevendo para si mesmo, nem para os colegas de turma, nem apenas para o seu professor. E perceba, principalmente, que há estratégias de comunicação que funcionam bem no círculo privado; e há estratégias que funcionam melhor no espaço público.

Em um concurso de redação, como o Jovem Senador, você vai operar em um espaço público, competindo com diversos outros estudantes. Essa situação traz duas implicações importantes: a diversidade de leitores e a pluralidade de textos.

Em primeiro lugar, seu texto precisa estar preparado para a diversidade de leitores. Para que seja vitorioso no concurso, seu texto passará por pelo menos três diferentes tipos de leitor:

- a equipe que sua escola vai montar para escolher a redação que a represente;
- a equipe que cada Secretaria de Educação vai montar para escolher as três melhores redações de seu estado; e
- a equipe que o Senado Federal vai montar para escolher a melhor redação de cada estado.

É muita gente que vai ler o seu texto, e cada leitor tem expectativas e histórias de leitura diferentes. Por isso, o melhor texto será justamente aquele que conseguir abstrair das condições imediatas de produção e se dirigir para um auditório universal.

O que isso significa? Significa que você deve procurar se distanciar do texto e perceber que o que é

óbvio e claro para você talvez não seja óbvio e claro para outras pessoas. O seu texto deve ser capaz de prever e antecipar todos os problemas e questões que os leitores, mesmo os mais distantes, possam ter.

Por exemplo, você pode achar óbvio que “a saúde mental dos alunos afeta o rendimento escolar”, e passar o texto inteiro apenas repetindo esse bordão com outras palavras. Acaba, por isso, construindo um texto circular, que fica girando em torno de um só argumento, que você não desenvolve. Isso não é bom, porque um de seus leitores pode discordar dessa visão. Pode achar que você está invertendo os termos da equação, que não é a saúde mental que afeta o rendimento escolar, mas o rendimento escolar que afeta a saúde mental dos alunos. É fundamental, portanto, que você antecipe esse leitor-adversário, preveja quais são as críticas que ele possa ter em relação à sua afirmação e procure convencê-lo de que sua tese é verdadeira. E para isso não basta repeti-la. É preciso desenvolvê-la. É preciso conquistar o leitor, esse desconhecido, tomá-lo pela mão e levá-lo até a conclusão que você defende.

Isso envolve, evidentemente, o trabalho com a argumentação, que será visto na próxima seção.

Mas há também outro aspecto a ser considerado. Em um concurso de redações, como o do Jovem Senador, cada leitor lê muitos textos. É preciso se destacar na multidão. Isso não tem nada a ver, é claro, com a apresentação física do texto: não adianta escrever o texto com caneta de várias cores, decorar as margens do texto com figuras lindas ou inventar uma caligrafia especial. Nenhum desses recursos é aceito, e seu texto seria sumariamente desclassificado.

Para que sobressaia no conjunto dos milhares de textos concorrentes, é importante que seu texto ofereça uma perspectiva nova, que traga informações que não seriam normalmente mobilizadas por seus colegas. Isso tem a ver com o repertório, sobre o qual falaremos mais adiante.

Mas cuidado: inovação não significa incoerência. De nada adianta ser inovador se seu leitor não puder fazer sentido do seu texto e convencer-se dos seus argumentos. A novidade é, pois, um diferencial; mas o essencial será sempre a argumentação.

2.3 A argumentação

Há duas maneiras de fazer com que alguém faça algo: pela coação (ou seja, pela força física ou pela pressão psicológica) ou pela argumentação.

A argumentação é a coluna vertebral do texto dissertativo-argumentativo. Sem ela, a aceitação do texto vai estar refém da boa vontade do leitor. No caso de um concurso em que participam milhares de estudantes, não é exatamente uma boa estratégia contar apenas com a sorte.

Como dissemos na seção anterior, quando for escrever seu texto, procure ter sempre em mente que seu leitor pode ser um adversário, que pode não concordar com as coisas em que você acredita.

Tome, por exemplo, a tese “a estética da escola pública afeta a saúde mental dos alunos”. Essa tese pode lhe parecer muito razoável, mas sempre haverá quem possa discordar dela. Pode haver quem creia, por exemplo, que a organização do currículo escolar é mais importante do que a estética da escola na promoção da saúde mental dos alunos. Pode haver quem ache que não é a estética, mas a formação dos professores o principal fator responsável pelo bem-estar psicológico dos alunos. Pode haver quem defenda que o elevado número de alunos em sala de aula é que provoca transtornos comportamentais. Enfim, toda afirmação pode ser refutada. E seu papel é preparar o seu texto para escapar dessas armadilhas.

Assim, ao desenvolver seu texto, procure sempre questionar suas próprias escolhas. Procure justificar e sustentar cada uma de suas afirmações. Comporte-se como se estivesse escrevendo não para alguém

que concorda com tudo o que você diz, mas para alguém que discorda de tudo o que você fala. E procure convencê-lo de que a visão que você tem dos fatos é lógica e verossímil.

Além disso, procure construir um texto coeso, em que o leitor consiga reconhecer seu percurso argumentativo. Não pule etapas e não dê grandes saltos. Pense no seu leitor: você precisa conduzi-lo pela mão. É importante que a leitura seja fluente, sem solavancos. Que o leitor não precise ficar indo e vindo no seu texto para entender o que você quer dizer. Muito provavelmente, ele não terá nem tempo, nem paciência para isso. Enfim, construa uma cadeia de argumentos em que se possa reconhecer um roteiro claro e em que as conclusões derivem logicamente das premissas.

O percurso tradicional – e que corresponde à expectativa da maior parte dos leitores – começa pela introdução, em que se apresenta a tese e em que quase sempre se conquista a atenção do leitor; segue-se o desenvolvimento, em que a tese é desdobrada e analisada por meio de uma cadeia de argumentos e em que as possíveis objeções à tese são antecipadas e atacadas; e finalmente vem a conclusão, em que se retoma a tese, agora sintetizada.

Por fim, não negligencie a forma de seu texto. Em primeiro lugar, seu texto deve ser legível, ou seja, capriche na letra. Observe também a modalidade culta da língua portuguesa e evite gírias e coloquialismos, além da repetição excessiva de palavras. Releia seu texto várias vezes e tenha cuidado com os erros de regência e de concordância. Prefira períodos curtos: é muito fácil se perder e comprometer a coesão em períodos muito longos. E jamais perca de vista que você está escrevendo para outra pessoa. Procure colocar-se sempre no lugar dela.

3. O repertório

Você já sabe que deve convencer alguém de alguma coisa e que para isso precisa se preocupar com o leitor, com a argumentação e com a definição e a sustentação de uma tese.

Outra questão importante é: onde encontrar os argumentos que dão sustentação a uma tese?

A busca de argumentos é uma das etapas mais difíceis da elaboração textual. Na Retórica clássica, ela recebe o nome de “invenção”. Hoje é mais frequente que trabalhem com a ideia de “repertório”. O repertório, como o próprio nome o diz, é um conjunto de referências que vamos acumulando ao longo da vida, produto das nossas experiências. É o que nos fornece a variedade de argumentos para que possamos sustentar uma afirmação.

Como o concurso de redações do Jovem Senador está voltado para alunos do ensino médio, é evidente que não se espera dos textos encaminhados que mobilizem um repertório muito amplo ou muito sofisticado. Mas é importante pensar e ler um pouco sobre possíveis desenvolvimentos do tema antes de começar a redigir. Você deve procurar evitar desenvolvimentos muito superficiais ou muito banais, ou seu texto não se destacará. Sua história de leituras pode enriquecer as abordagens do tema e nela você poderá encontrar, quem sabe, a pedra angular de seu texto.

Veja abaixo alguns exemplos de possíveis desenvolvimento do tema. São apenas exemplos, para que você, que ainda não sabe por onde começar, possa ter algumas indicações:

Exemplo 1: Há uma epidemia de depressão e ansiedade nas escolas públicas?

Um mapeamento feito, em 2022, pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com o Instituto Ayrton Senna, identificou que 69% dos estudantes da rede estadual paulista relatavam ter sintomas ligados à depressão e à ansiedade. A pesquisa não detalha as causas. Alguns acreditam que esses números estão associados ao contexto de retomada das atividades do pós-pandemia; outros acreditam

que a pandemia apenas agravou uma tendência que já se vinha desenhando muito antes. O papel da escola nesse contexto é controvertido: há quem diga que os principais fatores são extraescolares e estão relacionados, principalmente, ao ambiente familiar e social; outros afirmam que a estrutura da escola – currículo, didática, organização do espaço, interação em sala de aula – tem um peso fundamental no agravamento da saúde mental dos alunos.

Uma das vias principais para o desenvolvimento do tema seria aprofundar essa discussão, trazendo novos dados e evidências e analisando as várias hipóteses disponíveis. Existe, de fato, uma epidemia de transtornos mentais nas escolas públicas, ou os números são exagerados? Em caso afirmativo, as causas seriam predominantemente extraescolares ou escolares? Qual deveria ser o papel da escola pública e da comunidade escolar diante dessa situação?

Exemplo 2: Como promover a saúde mental na educação básica pública?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a promoção da saúde ocorre por meio da educação, que permite a adoção de estilos de vida saudáveis e o desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais. Sabemos que algumas disciplinas da estrutura curricular do ensino fundamental e do ensino médio já tematizam questões associadas à saúde mental, mas o desenvolvimento da autoestima, da autoconsciência e da autonomia pessoal nem sempre são práticas que encontram lugar no ambiente escolar, que parece privilegiar habilidades cognitivas em detrimento de competências socioemocionais. Seria desejável e possível alterar essa situação? Haveria lugar, na escola, para o desenvolvimento da autoconsciência, da autogestão, da consciência social, das habilidades de relacionamento? De que forma a escola pública poderia promover a saúde mental dos alunos? Incluir uma disciplina específica sobre o tema produziria algum efeito? Ou seria necessária uma alteração mais estrutural, com uma reformulação mais profunda das condições de funcionamento da escola e do processo de ensino-aprendizagem? Um dos possíveis desenvolvimentos do tema seria exatamente investigar a relação entre saúde mental dos alunos e o formato que a escola e o ensino público têm hoje (e que não é muito diferente do que tinham há 100 anos).

Exemplo 3: O que é “saúde mental” para a escola pública?

Como vimos, o termo “saúde mental” vem frequentemente relacionado à ideia de “transtornos mentais”. Por que, porém, essas condições – como a hiperatividade ou a ansiedade – são consideradas “transtornos”? Há quem critique, nessa designação, um viés capacitista, em que prevalecem valores associados à capacidade de as pessoas serem “produtivas”, “úteis” ou “funcionais” na sociedade, sem que se considere, efetivamente, seu bem-estar psíquico. Nessa perspectiva, nem todas as condições referidas no DSM-5 mereceriam ser tratadas; muitas delas seriam estruturantes da identidade dos indivíduos e não causariam, elas mesmas, nenhum sofrimento psíquico. O sofrimento psíquico seria produto não dos transtornos, mas da tentativa (frustrada) de superá-los. É o que alguns autores referem como “normose”, ou “patologia da normalidade”: a “tendência patológica para seguir as normas de conduta socialmente estabelecidas, em prejuízo da autoexpressão pessoal, sobrevalorizando-se a opinião e a aceitação social dos outros”. A escola pública, como instituição social, é exatamente um dos instrumentos de afirmação e disseminação dos valores e convenções sociais e, nesse sentido, é um agente da normose. Foucault dizia que a escola, por meio da disciplina, fabrica “corpos submissos e exercitados”, “corpos dóceis”, ou seja, que a escola é um dispositivo de poder, uma máquina de repressão, que pune a diferença e premia a homogeneidade. Em vez de ser um espaço de acolhimento e emancipação, a escola pública seria, ela mesma, um agente da patologização da diversidade, de homogeneização cultural, de apagamento e silenciamento das diferenças.

Uma das vias possíveis de desenvolvimento do tema seria explorar essas contradições da escola pública: talvez seja mais fácil rotular (e segregar) alguém por meio de diagnósticos de “transtornos”, “distúrbios” e “deficiências” do que admitir a possibilidade de uma neurodiversidade ou de uma psicodiversidade em sala de aula.

As propostas acima são apenas alguns exemplos entre as várias possibilidades de desenvolvimento do tema. Há um número incontável de outros desenvolvimentos possíveis e, desde que eles possam estar associados à questão da saúde mental nas escolas públicas, todos são válidos. Nosso objetivo aqui não é restringir suas opções, mas apenas fornecer alguns exemplos.

O importante é que você perceba que, entre as várias possibilidades de desenvolvimento do tema, você deve encontrar uma que possa ser desenvolvida de forma consistente, argumentativa e inovadora. E não se esqueça de que, quanto mais inspirada a sua escolha e mais profunda a sua análise, tanto mais chances você terá de ser um Jovem Senador.

O resto é com você.

Bom trabalho, e esperamos por você em Brasília.

ANEXO 1

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DAS REDAÇÕES

TEMA - “Saúde Mental nas escolas públicas”

CrITÉrios de AvaliaÇão	Peso
ApresentaÇão textual Legibilidade, respeito às margens e indicaÇão de parágrafos 0,5	0,5
Estrutura textual IntroduÇão (apresentaÇão da tese) 0,5 Desenvolvimento de ideias 0,5 Conclusão (proposta de intervenÇão respondendo: quem? o quê? e como?) 0,5	1,5
CorreÇão gramatical e sintática Ortografia, pontuaÇão, acentuaÇão, regênciA, concordânciA etc. 1,0 Propriedade vocabular 1,0	2,0
Desenvolvimento do tema proposto Abordagem do tema proposto (posicionamento e argumentaÇão coerentes com o tema) 0,5 Objetividade 0,5 OrganizaÇão e encadeamento de ideias (coesão e coerência) 0,5 Domínio do conteúdo 1,5	3,0
Originalidade e criatividade Uso de recursos para prender a atenÇão do leitor 1,5 Uso criativo da linguagem e ideias 1,5	3
TOTAL	10,0

CrITÉrios de desclassificaÇão da redaÇão

- Não manuscrita
- Com título
- Com menos de 20 linhas e mais de 30 linhas
- Ilegível
- Sem relaÇão com o tema proposto
- Não dissertativa-argumentativa
- Com plágio comprovado
- Com fraude comprovada
- Não esteja apresentada na folha de redaÇão oficial do Jovem Senador enviada às escolas e disponível no site senadoleg.br/jovemsenador
- Que identifique o estudante, a escola ou o estado de origem por assinatura, pseudônimo, desenho, rasura, carimbo, referência direta ou indireta, ou marca identificadora fora do campo específico
- Se for postada para a secretaria de EducaÇão do estado ou do Distrito Federal depois de **5 de maio de 2023**.

 0800 061 2211
 (61) 99187-2248
 senado.leg.br/jovemsenador

 @jovemsenador
 @jovemsenador
 /jovemsenador

